

**UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E CIÊNCIAS E LETRAS**

Juliana Matrai

Larissa Maximo

**CONTRIBUIÇÃO DE FREUD À EDUCAÇÃO: TEORIA DA
SEXUALIDADE**

Taubaté – SP

2022

Juliana Matrai
Larissa Maximo

**CONTRIBUIÇÃO DE FREUD À EDUCAÇÃO: TEORIA DA
SEXUALIDADE**

Trabalho de Graduação apresentado para
obtenção do Certificado Graduação pelo
Curso de Pedagogia e Letras do
Departamento de Pedagogia e Ciências e
Letras da Universidade de Taubaté.
Área: Educação
Orientadora: Profa. Dra. Márcia Maria Dias
Reis Pacheco

Taubaté – SP
2022

Juliana Matrai
Larissa Maximo

**CONTRIBUIÇÃO DE FREUD À EDUCAÇÃO: TEORIA DA
SEXUALIDADE**

Trabalho de Graduação apresentado para
obtenção do Certificado Graduação pelo
Curso de Pedagogia e Letras do
Departamento de Pedagogia e Ciências e
Letras da Universidade de Taubaté.
Área: Educação
Orientadora: Profa. Dra. Márcia Maria Dias
Reis Pacheco

Data: _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

**Presidente: Profa. Dra. Márcia Maria Dias Reis Pacheco
– UNITAU**

Membro: Profa. Dra. Odila Amélia Veiga França – UNITAU

Membro: Prof. Me Carlos Eduardo Reis Rezende – UNITAU

Ao meu marido, e grande amor, Vinicius Barroso Toti, que me apoiou para muito além do presente trabalho. À minha filha, Maria Júlia Matrai Toti, que ainda no ventre, me deu forças para concluir esta jornada. Aos meus amigos e familiares, que sempre apoiaram meu sonho de ser professora.

Juliana Matrai Toti.

Aos meus pais e minha irmã, que foram os alicerces fundamentais, no decurso de minha longa jornada, me apoiando incondicionalmente.

Ao meu amado Carlos Eduardo, que acreditou em mim, quando eu mesma não fui capaz.

Larissa Maximo Moreira

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, primeiramente, à nossa estimada orientadora, Professora Doutora Márcia Maria Dias Reis Pacheco, que nos acolheu e tornou possível esse sonho. Seu vasto conhecimento e sua capacidade genuína de cuidar do outro, a torna o Norte para o caminho que desejamos trilhar, quanto professoras. Sua paixão pela educação, e pelo ato de ensinar, é inspiradora. Ela foi a peça fundamental para o acontecimento deste trabalho.

Agradecemos, também, ao Professor Mestre Carlos Eduardo Reis Rezende e à Professora Doutora Odila Amélia Veiga França, pela carinhosa jornada que nos trouxe até o presente momento. Por aceitarem nosso convite e contribuírem com sua sabedoria, e experiência, na concretização da nossa tão aguardada conclusão de curso.

Agradecemos a Universidade de Taubaté, por nos proporcionar cursos de formação tão completos, e a todos os nossos professores, que exerceram um papel fundamental durante nossa jornada na graduação.

E principalmente, agradecemos a Deus, pelo dom da vida e a capacitação para produzir o presente trabalho.

“Não basta que tenhamos afeição pela criança, é preciso respeitar sua infância” (NUNES e SILVA, 2006, p.22)

RESUMO

A educação sexual é vista por professores, pais e população geral, como um assunto tabu, carregado de perversões e más intenções para com os pequenos. Considerando a necessidade de uma visão ampliada da educação sexual, e sua importância para a educação infantil, sendo esta, a base para todo o desenvolvimento durante a formação humana, o trabalho se propõe, através do estudo das obras de Freud e autores relacionados ao tema, explicar a educação sexual como prática pedagógica base para uma educação integral. O objetivo desta monografia é estabelecer uma clara relação entre a Teoria da Sexualidade de Freud e a prática docente, para uma educação plena por meio do desenvolvimento psicosssexual infantil. Para a produção da escrita, foram consultadas biografias e obras de Freud, além de livros e artigos sobre a educação sexual, como prática docente. O trabalho passa pela biografia de Freud, no período de vida que se refere a obra dedicada à sexualidade; contempla as fases do desenvolvimento psicosssexual e conclui com dicas para o trabalho do professor, e dos pais, na educação da sexualidade infantil. A compreensão da educação sexual, como parte integrante de uma educação plena, é de suma importância para a quebra de paradigmas, que entravam a possibilidade de um desenvolvimento integral para as crianças. Estas, que desde seu primeiro momento de vida, são dotadas de sexualidade e levam suas experiências como parte integrante de si para toda vida.

Palavras-chave: desenvolvimento; educação; Freud; sexualidade.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	12
2.1 Biografia de Freud	12
2.2 Instâncias Psíquicas: ID, EGO E SUPEREGO	16
2.3 Fases do Desenvolvimento Psicosssexual	18
2.4 Contribuições de Freud a Educação	24
2.5 Sexualidade Infantil	29
2.6 Manifestações da Sexualidade Infantil	32
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
4. REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

O tema escolhido, tem por objetivo, tratar as contribuições de Freud para a educação e o desenvolvimento humano. A escolha do tema foi motivada pela importância da compreensão da sexualidade infantil, no desenvolvimento integral do ser, assim como o papel que o docente exerce nesse processo. Desse modo, alguns aspectos que cercam essa temática, serão levantados pela presente pesquisa, abordando a relevância da educação sexual na primeira infância.

A concepção Freudiana da Sexualidade Infantil será usada como base para o aprofundamento teórico, visando a relação do “eu” com o desenvolvimento psicosssexual. Passando por um estudo aprofundado de suas fases, e as consequências de cada qual, para as relações e vivências humanas, iniciando-se nos primeiros anos de vida e se estendendo a vida adulta.

A infância está presente em toda reflexão Freudiana. É possível vê-la desde os primórdios de sua vida acadêmica, quando passa a se interessar pelo estudo da mente e se aprofunda na temática da neurose, fazendo a associação à traumas sexuais sofridos pelos pacientes, ainda muito novos. Freud passou a vida buscando uma melhor compreensão a respeito da mente humana, assim como os comportamentos ligados a ela. E tentando desvendar, de qual maneira poderia aliviar, ou ao menos, lidar com as questões incômodas ligadas à sexualidade.

Para Freud (1905), a sexualidade está presente no indivíduo desde seu nascimento e não deve ser ignorada, e sim, reconhecida como parte fundamental de seu autoconhecimento. Contudo, devido a infância ser considerada um período de pureza e inocência por grande parte da sociedade, não só antigamente, mas como segue sendo até hoje, um incômodo muito grande é gerado com a publicação dos *Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade*, quando Freud propõe a criança como um ser dotado de desejo e prazer, indiferente ao ato sexual e às genitálias.

As fases psicosssexuais são vivenciadas nos primeiros anos de vida da criança, sendo assim, muito importantes para a formação de sua personalidade. É possível observar, cada uma delas, por meio da pulsão, que distinta ao instinto sexual, é a manifestação insaciável pela busca da excitação, a qual é impossível de satisfazer, pois sua origem não é fisiológica, mas sim, inconsciente. Sendo elas: fase oral, fase anal, fase fálica, período de latência e fase genital.

A fase oral compreende o período do nascimento, até próximo dos dois anos de idade, e a zona erógena, parte do corpo que estimula a pulsão, é voltada para a boca, buscando satisfação no ato de sugar para se acalmar ou se nutrir, por exemplo. O autoerotismo consiste no prazer em ser satisfeito pelo próprio corpo, sem interação com o outro, está presente nesta fase e na seguinte. A fase anal pode ser observada entre os dois e quatro anos de idade, momento no qual a criança começa a ter conhecimento a respeito do próprio corpo, a zona erógena está voltada para o ânus e a busca pelo prazer, pode se dar pelo ato de defecar, ou até mesmo, no ato de reter as fezes. Na fase fálica, por volta dos quatro aos seis anos, a zona erógena é a genital, e a busca pelo prazer se dá de forma física, por meio da masturbação (ainda livre da dimensão sexual do ato), pela atenção e carinho recebidos de seu objeto de desejo (seus cuidadores). O complexo de Édipo acontece nesta fase, momento em que a criança tem mais proximidade com um de seus genitores, engatilhando uma série de consequências para as futuras relações da criança, quando adulta. Já no período de latência, que pode ocorrer entre os seis e os nove anos de idade, a libido não está no próprio corpo, mas sim, no objeto de prazer do outro. A libido sexual se encontra adormecida e as pulsões são investidas em outras atividades sociais. E por último, a fase genital, caracterizada pela passagem da infância para a puberdade, estendendo-se até a vida adulta. Mudanças físicas e mentais são diferentes das anteriores, e a zona erógena, agora, é a genitália, porém, as pulsões são de cunho sexual.

Apesar de não ter discorrido, especificamente, a respeito da educação, Freud contribui muito para a mesma, estando evidente em torno de toda sua obra. Sua compreensão, e apreciação, acerca do funcionamento da mente, o torna uma referência humanista. Ele designa à educação o ponto de equilíbrio entre a permissão e a proibição, pois o excesso de restrições pode levar ao desenvolvimento de uma neurose. Porém, a falta de ambas, ocasionaria a formação de delinquentes. Além do mais, a relação constituída entre a criança e seus genitores, pode ser a base das relações futuras, passando pelo processo de identificação, o qual é determinado pela constituição do sujeito, se apropriando de atributos das pessoas que o cercam. Podendo interferir na relação professor-aluno, pelo processo de transferência, o qual ocorre mediante o desejo do aprender do aluno, diretamente ligado a figura do professor.

No presente estudo, obras baseadas na teoria de Freud foram abordadas, para traçar práticas pedagógicas que auxiliam pais e professores a trabalharem educação sexual com as crianças, desde seus primeiros momentos de vida. Antes de mediar a educação sexual, é necessário que o profissional reedueque sua própria sexualidade, pois todos os humanos são carregados de experiências e marcas de sua própria vivência. A sexualidade é uma dimensão muito importante consistente no ser humano, e por isso deve ser trabalhada, assim como qualquer outro aspecto no planejamento e na prática docente, para ser obtido um alcance de desenvolvimento integral do indivíduo. Durante a organização da prática de educar para a sexualidade, são consideradas dicas para que os pais e os profissionais da educação, lidem com cada fase. Além da importância de um trabalho conjunto entre escola e comunidade, a abordagem da educação sexual, pode ser usada como ferramenta de prevenção ao abuso sexual infantil, por meio da formação de um docente capacitado.

Todo profissional da educação, antes de mediar conhecimentos sobre o assunto, viveu a educação sexual de sua própria maneira. Educar para a sexualidade significa, primeiramente, se reeducar e se desvincular de preconceitos. Esta monografia não deve ser guiada pelo senso comum e por experiências pessoais, mas deve, sim, ser pautada em estudos acadêmicos, capazes de esclarecer e habilitar o profissional da educação a lidar com questões tão importantes, e próprias, da vivência de cada aluno. Educação, para a sexualidade, é buscar encorajar o indivíduo a explorar todas as suas potencialidades, por meio do reconhecimento de sua força motivadora e de sua importância para o desenvolvimento humano.

Nesse sentido, o objetivo geral é apresentar, e discutir, as contribuições de Freud à educação, bem como ao desenvolvimento psicosssexual. Os objetivos específicos são:

- Estabelecer a cronologia da obra de Freud até a Teoria da Sexualidade;
- Traçar as características das fases do desenvolvimento psicosssexual;
- Designar as contribuições de Freud para a educação;
- Apresentar sugestões de práticas docentes relacionadas a sexualidade infantil.

O método de pesquisa utilizado foi o de revisão bibliográfica de obras, dentre estas, livros e artigos científicos, referentes a vida de Freud e suas contribuições para psicanálise, além da construção de práticas docentes pautadas na educação sexual, dentro da faixa etária proposta pelo trabalho. O embasamento teórico se deu pela

pesquisa e leitura aprofundada das obras selecionadas. Por conseguinte, as contribuições da temática escolhida foram dispostas em fichamentos, que auxiliaram na visão geral, para o levantamento bibliográfico, e finalmente, a elaboração da monografia.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Biografia de Freud

De pai da psicanálise a grande precursor da sexualidade infantil que é conhecida hoje, é possível, graças aos estudos de Freud ao longo dos anos, desassociar o conceito de sexualidade do sinônimo de genitalidade e reprodução. Para contextualizar o objeto de estudo do trabalho, uma breve biografia do autor foi discorrida.

Sigmund Freud (1856-1939) foi um importante médico neurologista, considerado o fundador da psicanálise. Nascido em Freiberg, na Morávia, era de origem judaica e filho de Jacob Freud, um comerciante de lã e de sua esposa, Amalia Nathansohn. Desde novo se via numa inerente configuração das relações familiares, - como seu sobrinho, mais velho que ele, e ainda assim seu amigo inseparável de infância ou como o pai, que tinha idade para ser seu avô - a qual, talvez, possa ter sido a primeira a despertar seu interesse e tecer suas teorias psicanalíticas.

Aos quatro anos de idade, mudou-se com sua família para Viena, onde recebeu toda sua educação e passou grande parte de sua vida. Sempre como destaque de sua turma por sua inteligência, o menino foi aconselhado, por seu pai, a seguir apenas suas inclinações na escolha de sua profissão. Em 1873, aos 17 anos, ingressou na Universidade de Viena e formou-se em Psiquiatria e Neurologia no ano de 1881.

De acordo com alguns comentários de Freud (1925), apesar de todo seu grande conhecimento, contribuições e descobertas em relação a medicina, tentavam o descredibilizar, muitas vezes por conta de suas ideias ousadas demais para a época, algumas vezes usavam argumentos antisemitas. Freud se manifesta,

Quando em 1873, ingressei na universidade, experimentei desapontamentos consideráveis. Antes de tudo, verifiquei que se esperava que eu me sentisse inferior e estranho porque era judeu.

Recusei-me de maneira absoluta a fazer a primeira dessas coisas. Jamais fui capaz de compreender por que devo sentir-me envergonhado da minha ascendência ou, como as pessoas começavam a dizer, da minha 'raça' (FREUD, 1925 p.5).

Por mais de dez anos após meu afastamento de Breuer, não tive seguidores. Fiquei completamente isolado. Em Viena, fui evitado; no exterior, ninguém me deu atenção. Minha Interpretação de Sonhos, vinda a lume em 1900, mal foi objeto de críticas nas publicações técnicas (FREUD, 1925 p. 28).

Segundo Jones (1953), Freud nunca sentiu atração direta pela medicina e não sentia o ímpeto em ser médico, como posteriormente declarou, e mais, expressou desejo em manter-se distante da carreira.

Embora vivêssemos em circunstâncias muito limitadas, meu pai insistiu que, na minha escolha de uma profissão, devia seguir somente minhas próprias inclinações. Nem naquela época, nem mesmo depois, senti qualquer predileção particular pela carreira de médico. Fui, antes, levado por uma espécie de curiosidade, que era, contudo, dirigida mais para as preocupações humanas do que para os objetivos naturais; (FREUD, 1925 p. 149)

Apesar de não se sentir satisfeito em seu curso, Freud, quando estudante, passa a frequentar o Laboratório de Fisiologia de Ernst Brücke, onde finalmente encontra tranquilidade e satisfação no que estudava. Dedicou muito tempo ao estudo da anatomia do sistema nervoso. De acordo com Jones (1953), Brücke foi uma figura muito importante para Freud, sendo uma de suas maiores referências e influências

Freud, mais tarde, sempre falou de seu respeito e admiração por essa autoridade incontestada, sentimentos que também tinham um toque de temor. Uma reprimenda de Brücke por certo dia estar atrasado, quando o estudante foi "dominado pela terrível fixidez de seus olhos," 7 foi recordada anos mais tarde, e a imagem desses olhos de um azul metálico surgiria, ao longo de toda a sua vida, sempre que ele pudesse ser tentado a algum descuido numa tarefa ou a qualquer imperfeição ao executá-la escrupulosamente (JONES, 1953, p. 52).

No ano de 1882, Freud (1925) deixa de lado seu trabalho teórico de pesquisa, orientado por seu estimado professor Brücke, pois sua vida financeira não se encontrava numa situação estável. E assim, inicia sua carreira no Hospital Geral de Viena, onde acaba se interessando pelo trabalho clínico. Segundo Jones (1953) em

meados de 1883, Freud se aproxima de perturbações cerebrais ao dar início a um trabalho laboratorial de extenso estudo em cérebros de recém-nascidos, além de também realizar estudos acerca da paralisia facial em perturbações mentais.

Para tomar-se bom clínico geral, Freud teria necessidade de maior experiência em obstetrícia e cirurgia, mas quanto ao aspecto médico estava plenamente preparado. Três anos de residência médica em um hospital era coisa bem diferente da simples obtenção de um título de médico. O fato de durante esses anos ele também ter realizado importantes pesquisas e ter sido reconhecido como docente de neurologia mostra que foram anos bem aproveitados (JONES, 1953 p. 87).

No final da década de 1870, ainda na faculdade, Freud conhece o Dr. Josef Breuer, um grande cientista de seu tempo. De acordo com Jones (1953), o pai da psicanálise o tinha como um grande amigo, que o ajudava em diversos impasses da vida e o definiu como uma pessoa com muitos talentos e interesses universais, muito além do âmbito profissional; durante o seu tempo juntos, adquiriram o hábito de dividir suas experiências científicas. Entre 1880 e 1882, Breuer tratou o famoso caso de Anna O, uma menina de 21 anos, que apresentava transtorno de personalidade. A garota adquiriu o hábito de relatar suas atribulações para o doutor, que acabou percebendo que alguns sintomas foram desaparecendo, conforme suas conversas progrediam; daí foi criado o termo “cura pela fala”. Foi o pontapé inicial para a criação da psicanálise.

Certa ocasião, relatou os detalhes do primeiro aparecimento de um sintoma específico e, para grande espanto de Breuer, isso teve como resultado seu completo desaparecimento. Percebendo o valor desse procedimento, a paciente prosseguiu com um sintoma depois do outro denominando o procedimento de "cura pela fala" ou "limpeza da chaminé"(JONES, 1953 p. 231).

Em 1885 Freud (1925), viaja à Paris após receber uma bolsa de estudos, decidindo assim, dar continuidade às suas pesquisas no Salpêtrière. Dessa forma, um momento decisivo em sua carreira inicia-se, pois, seu tema de estudo e de pesquisa, era até então, o do sistema nervoso. A partir daí, ao entrar em contato com as ideias de hipnose, de histeria e de estudo da mente, do famoso médico neurologista Jean-

Martin Charcot (ao qual se deve seu motivo de escolher Paris como destino), Freud começa a abandonar a neurologia e passa dedicar-se a psicopatologia.

Nos anos subsequentes, de volta a Viena, Freud se dedica aos estudos acerca da psicopatologia, da histeria e da hipnose, conceitos que o marcaram durante sua experiência com Charcot, ao longo de sua estadia na França. A década de 1900 foi o momento em que Freud estava mais seguro em sua trajetória profissional, a qual vinha traçando. Foi nesse período em que, não se sabe a data exata, mas supõe-se que entre 1892 e 1895, o método da “associação livre” foi criada, a qual viria a substituir a hipnose. Sigmund, em vários casos, foi incapaz de hipnotizar seus pacientes, e, em outros casos, não era o suficiente para uma melhora significativa. Foi então que surgiu a necessidade de um novo método de tratamento terapêutico (JONES, 1953).

Para Plon e Roudinesco (1997), foi trabalhando junto com Breuer que Freud abandonou, gradativamente, a hipnose e inventou o método da associação livre, e conseqüentemente, a psicanálise, a qual o crédito da existência do termo, se deve a Breuer. E de acordo com Jorge e Ferreira (2002), poucos anos após lançarem o artigo Estudos sobre a histeria, argumentos conflitantes foram gerados entre ambos, pois Breuer discordava da teoria de Freud, de que a causa da histeria está relacionada à sexualidade, o que levou a ruptura da relação de longa data que mantinham.

Segundo Jones (1953), o termo “psicanálise” foi usado pela primeira vez, em 1896. Com o método da associação livre, o paciente não era mais guiado pela hipnose, e sim, estimulado a ter seus pensamentos livremente, podendo acessar às memórias de infância, podendo chegar, até mesmo, aos seus traumas. Freud passou a observar se o motivo da histeria era da predisposição hereditária ou de fatores traumáticos adquiridos ao longo da vida, e também notou que “um grande número de lembranças significativas estava relacionado com experiências sexuais, embora de início ele não estivesse em condições de estabelecer nenhuma conclusão geral a partir desse fato. Não estava preparado para tal, tendo ficado perplexo” (JONES, 1953 p. 253).

O ano de 1905 foi muito produtivo para Freud, relata Jones (1953), visto que, quatro artigos e dois livros, foram publicados. Um deles sendo os *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, um dos mais importantes de sua carreira, e que mesmo assim, não foi bem aceito pelo público.

O outro livro, que causaria grande escândalo e que faria Freud cair em desagrado quase universal, era os *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, um dos dois livros mais importantes de Freud. Nele Freud reuniu pela primeira vez, a partir do que tinha aprendido com análises de pacientes e em outras fontes, tudo o que sabia sobre o desenvolvimento do instinto sexual desde seus primórdios na infância (JONES, 1953 vol. 2, p. 28).

De acordo com Jorge e Ferreira (2002), os *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade* causou mais repercussão que a descoberta do inconsciente, e assim como as teorias darwinistas, suas ideias revoltaram a comunidade a qual foram apresentadas. Por conta disso, Freud foi desacreditado como médico, pois “[...] ia contra um dos maiores preconceitos, a crença de que a infância é a idade da inocência” (JORGE; FERREIRA, 2002, p. 18).

O motivo de tamanha perplexidade, se deu por conta da afirmação categórica de Freud, de que a criança, desde o nascimento, possui impulsos sexuais e que durante o seu crescimento, antes de chegar à vida adulta, sofre complicações. Assim como o Complexo de Édipo, no qual os pais são os primeiros objetos sexuais (JONES, 1953).

A princípio, Freud (1889) acreditava que a sexualidade da criança, era acarretada por meio de um estímulo precoce, vinda de um adulto, “Cada vez mais me parece que o ponto essencial da histeria é que ela resulta de perversão por parte do sedutor, e mais e mais me parece que a hereditariedade é a sedução pelo pai” (FREUD, 1889, p. 179). Mas logo abandonou a ideia ao observar que “É evidente que não se requer a sedução para despertar a vida sexual da criança, que esse despertar também pode ocorrer espontaneamente, por causas internas” (FREUD, 1905, p. 73).

2.2 Instâncias Psíquicas: ID, EGO E SUPEREGO

Em seu estudo autobiográfico, Freud (1925) relata ser a psicanálise o que determinava todas as manifestações de ordem mental como inconscientes, mas não as desconsideravam de serem conscientes, também. O que gerou negação por parte dos estudiosos, pois seria absurda a ideia de uma consciência inconsciente, visto que, para eles, o conceito de mental e de consciência, era o mesmo. E a psicanálise, ao acrescentar uma distinção ao inconsciente, o separando em pré-consciente, outra

inconformidade é gerada. A partir da teoria da repressão, Freud (1923) afirma ser possível obter a concepção do inconsciente. Sem deixar de levar em consideração que há dois tipos: o que é reprimido, e, portanto, não possui consciência é intitulado inconsciente. E o que é latente, mas ainda assim apto a ter consciência, é intitulado pré-consciente.

Em 1915, Freud (1925) desenvolve um método para abordar todo o processo mental, levando em consideração três coordenadas, descritas como dinâmica, topográfica e econômica. Entretanto, não houve interesse ou reconhecimento em sua pesquisa, e por isso, os estudos foram interrompidos, “[...] visto que o tempo para afirmações dessa espécie não havia chegado” (FREUD, 1925, p. 34). Na sequência, ele divide o aparelho mental em Id, Ego e Superego, após dedicar-se a fundo no estudo do mesmo, baseando-se na perspectiva analítica dos fatos patológicos, visto que até o momento, o aparelho psíquico era dividido em inconsciente, pré-consciente e consciente. Freud (1923) propõe uma divisão da personalidade mental em três instâncias:

O Id é uma instância totalmente inconsciente, e ao contrário das outras duas, o indivíduo já nasce com ela. É movido pelo princípio imediatista do prazer, e é onde os desejos, vontades e pulsões primitivas se encontram, desenfreadamente “[...] na primitiva fase oral do indivíduo, investimento objetual e identificação provavelmente não se distinguem um do outro. Só podemos supor que mais tarde os investimentos objetuais procedam do Id, que sente como necessidades os impulsos eróticos” (FREUD, 1923, p. 26).

O Ego é quem controla a ação e o acesso à consciência, sendo considerada por Freud (1923), a parte do Id que foi modificada por influências externas, e sendo assim, se esforça em fazê-las se sobressair sobre os propósitos dele. Dedicar-se em aplicar o princípio da realidade sobre o princípio do prazer, que age sem restrições no Id. É também a parte psíquica incumbida de proteger o aparelho psíquico de perigos à sua integridade. “O Eu representa o que se pode chamar de razão e circunspeção, em oposição ao Id, que contém as paixões (FREUD, 1923, p. 22).”

O Superego, é herdeiro do complexo de Édipo e seria o representante e defensor dos valores morais e regras de conduta, “Enquanto o Eu é essencialmente representante do mundo exterior, da realidade, o Super-eu o confronta como advogado do mundo interior, do Id (FREUD, 1923, p. 33).” É nele que a censura é

exercida sobre a consciência. Assim como há a existência da tensão entre a expectativa e a realidade, que são tidas como sentimento de culpa. A identificação social e cultural é desenvolvida nessa instância, e servem para guiar o Ego.

2.3 Fases do Desenvolvimento Psicosexual

Nesta pesquisa, destaca-se focalizar a sexualidade infantil, as fases do desenvolvimento psicosexual e as contribuições de Freud, por serem objeto de estudo importantíssimo à Educação e ao Ensino. Visto que o sistema escolar é organizado pela educação básica, que abrange a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, a Teoria da Sexualidade traz contribuições a todos os níveis de Ensino, mas especificamente a Educação Infantil, faixa etária de crianças entre zero e cinco anos, e ao Ensino Fundamental, séries iniciais. Segundo Nunes e Silva (2006, p. 11) a partir do momento que se reconhece e se estuda a infância, esta se torna “[...] um dos mais desafiadores horizontes científicos, historiográficos e pedagógicos” (NUNES e SILVA 2006, p. 11)

A sexualidade está presente em todas as dimensões da vida, Nunes e Silva (2006) entendem que ela constitui todos os campos do conhecimento, as interações sociais e as vivências exclusivamente humanas. E além disso, é uma característica evolutiva e se desenvolve unicamente na convivência social, com nuances moldadas pela cultura.

Segundo Nunes e Silva (2006), a relação entre corpo e sexualidade não podem ser separadas. É corriqueira a tendência dos adultos em distorcer a sexualidade infantil, como se só estes tivessem o direito ao prazer do corpo, idealizando assim, uma criança pura. Essa não é a realidade. Crianças são seres dotados de sexualidade e a vivem desde o nascimento (NUNES; SILVA, 2006).

Segundo Freud (1905), o desenvolvimento da sexualidade ocorre em fases ou período do desenvolvimento psicosexual, em zonas erógenas. Para Freud (1905) zona erógena: “É uma parte da pele ou mucosa em que estímulos de determinada espécie provocam uma sensação de prazer de certa qualidade” (FREUD, 1905, p.87). Ou seja, estas são partes do corpo que estimulam as pulsões. As zonas erógenas têm como característica serem estimuladas por movimentos rítmicos.

Fases do desenvolvimento psicosssexual, Segundo Freud (1905):

- Fase oral, ocorre durante o primeiro ano de vida e é marcada pelo prazer nas atividades realizadas pela boca, como a mordida e a sucção;
- Fase anal, acontece entre um e três anos, na qual o simbolismo começa a se desenvolver no prazer de defecar e manipular as fezes, indo além do prazer, por pura satisfação de uma necessidade biológica;
- Fase fálica, marcada pela descoberta do órgão genital, que acontece por volta dos três aos seis anos;
- Período de latência, se dá entre os seis e os nove anos, o prazer é voltado para as relações sociais e é cada vez mais clara a delimitação entre os papéis sociais masculinos e femininos;
- Fase genital, inicia-se a partir dos dez anos, marcada por todas as mudanças biológicas da puberdade e da consolidação do ser como indivíduo na sociedade (NUNES; SILVA, 2006).

- **Fase Oral**

A primeira fase, é a fase oral, marcada pela satisfação por meio da boca e pela exploração do ambiente através desse órgão. Cronologicamente, essa fase vai do primeiro ano de vida até os dois anos, mas é marcada principalmente por seu início logo no nascimento e se estende até o desmame.

A primeira fase do desenvolvimento psicosssexual é marcada por três características, que segundo Freud (1905), perpassam por outras fases, que são essenciais para a manifestação sexual infantil. Ela se apoia, primariamente, em uma função vital do corpo, no caso, a nutrição pelo leite, que é autoerótico, por ainda não ter o outro como objeto sexual. E sua meta sexual, seu instrumento de prazer, que leva à procura do movimento repetitivo de estimulação, é uma zona erógena recém desenvolvida, no caso, a boca (FREUD, 1905).

Ao explorar as manifestações da sexualidade infantil, Freud (1905) dá como primeira externalização do desejo sexual, o ato de sugar, que é uma manifestação da sexualidade marcada por esse deleite. O prazer é encontrado em um ato primordial para sobrevivência, a alimentação. O autor ilustra o erotismo no ato da amamentação ao descrever “Quem vê uma criança largar satisfeita o peito da mãe e adormecer, com

faces rosadas e um sorriso feliz, tem que dizer que essa imagem é exemplar para a expressão da satisfação sexual na vida posterior” (FREUD, 1905, p.86). Pela boca, os bebês recebem uma descarga prazerosa ao mamar no seio da mãe. Para ilustrar como funciona uma zona erógena, Freud (1905) usa de exemplo as cócegas, que são movimentos repetitivos em certas áreas do corpo que podem causar prazer, risos e até espasmos involuntários. Qualquer parte do corpo pode ser uma zona erógena, apesar de algumas terem mais “aptidão” para produzir a sensação de prazer, como a boca em um ato rítmico de sugar, e dependem da qualidade do estímulo levado a tal parte.

O ato de sugar a mama da mãe, ou objeto semelhante, seja para se alimentar ou pelo simples prazer, tem fim, segundo Freud (1905), quando os dentes do bebê aparecem e o alimento agora é mastigado. Há então uma separação do outro.

Nessa fase, a satisfação dos impulsos sexuais gerados inicialmente pelo prazer de mamar, agora, vão além do seio da mãe (ou do objeto de nutrição equivalente) e começam a se satisfazer pelo próprio corpo. O bebê passa a repetir os movimentos de sucção na própria língua, a levar o dedo à boca e até mesmo a sugar objetos que se encaixem no formato do seio, como uma toalhinha ou a chupeta, para aqueles que a são oferecida (NUNES; SILVA, 2006).

Apesar de carregar a característica auto erógena, podendo se satisfazer na sucção do próprio corpo ou objeto, essa é uma fase mais passiva, que depende do outro para se manter e se renovar, com a manutenção da vida pela nutrição. O ato de sugar, descrito por Freud, também pode ser acompanhado pelo ato de agarrar, que assim como a sucção, causa um deleite que leva ao adormecimento. Um fenômeno facilmente constatado nos dias atuais, no qual a chupeta e/ou uma pelúcia, ao serem agarradas, podem ser grandes aliadas ao acalmar uma criança e fazê-la dormir.

Freud (1905) alerta sobre

“[...] a significação erótica da zona dos lábios é constitucionalmente forte” e a força dessa zona erótica é mantida essas pessoas ao crescer levará consigo vícios ligados ao uso dos lábios, como o alcoolismo e o tabagismo, e até mesmo o erotismo mais ligado ao beijo. Porém, a repressão desse impulso infantil de chupar e levar a boca pode levar esse adulto a repulsa pelo ato de se nutrir, levando a negação a alimentos e até distúrbios alimentares (FREUD, 1905, p. 86)

- **Fase Anal**

Para Nunes e Silva (2006), essa fase se inicia após o primeiro ano de vida, quando o bebê começa a ter controle sobre a defecação. E se consolida no segundo ano de vida, com o começo da possibilidade do desfralde.

Assim como os lábios, que são um apoio para a externalização da sexualidade, a zona anal dá continuidade ao processo de desenvolvimento das zonas erógenas de destaque no corpo, como outro apoio para a sexualidade.

Freud (1905), em seus estudos sobre a atividade da zona anal, destaca a ligação entre a atividade anal e a sexualidade, mostrando esta primeira como um apoio à segunda, transformando-a. Para ele, essa zona mantém, por toda vida, um grau considerável de suscetibilidade à estimulação genital.

Nessa fase, a zona erógena desenvolvida é o ânus, pois é dele que vem o movimento de retenção ou de liberação das fezes, levando ao desconforto, ou ao prazer, da criança neste momento. Quando o bebê descobre o poder de controlar o fluxo de fezes, testando o próprio corpo, ele vê ali, um poder não antes experimentado. Freud (1905) explana em seus estudos, como esse movimento acontece: pela retenção das fezes, que se acumulando no interior da criança, pode causar dores, e assim, uma autoagressão. Mas pelo mesmo poder, evacuar as fezes pode ser um estímulo prazeroso, pois o conteúdo fecal saindo pela passagem do ânus, pode gerar uma sensação de alívio.

Freud (1905) explica que, a retenção ou a liberação das fezes, podem ter significados psicológicos, e não ser apenas uma questão biológica. Ele descreve o conteúdo intestinal como uma parte do corpo do bebê e, essa sendo uma produção própria, quando evacuada, constitui um presente a ser entregue ao cuidador, como um sinal de docilidade. Mas assim como as fezes podem ser consideradas um presente, a não liberação desse conteúdo para seu cuidador, pode ser interpretada como um sinal de desobediência.

Um dos melhores indícios de futura estranheza ou nervosismo ocorre quando um bebê se recusa obstinadamente a evacuar o intestino ao ser posto sobre o vaso, ou seja, no momento desejado pela pessoa que dele cuida, e reserva essa função para quando ele próprio desejar (FREUD, 1905, p. 92).

Assim, é possível entender como uma “malcriação”, como comentado por Freud (1905), esse movimento de segurar os dejetos, para manter o poder sobre o

corpo agora conquistado. Porém, não se deve interpretar esse movimento de guardar as fezes para si apenas como um sinal de rebeldia. Freud (1905) explica que, para o bebê reter as fezes, apesar de, em um primeiro momento originar um desconforto e até fortes contrações musculares que causam dor, essa sensação voluptuosa na região anal exerce um grande estímulo na mucosa, sendo assim um instrumento de prazer para a criança, que terá nessa região, não só uma fonte de poder, mas uma zona erógena de grande valor futuramente, inclusive pela ligação com a zona genital, que será descoberta anos depois.

- **Fase fálica**

A fase fálica, ocorrida entre quatro e seis anos, é o período em que se tem ciência da presença ou da ausência do pênis. No caso das meninas, pode ocorrer o sentimento de inveja, por não obter o mesmo órgão. Já com os meninos, pode existir a chamada ansiedade de castração, que ocorre ao se darem conta de que as meninas não obtêm pênis e que, de alguma forma, eles podem perde-lo. Essa fase é considerada uma das mais importantes, pois é nela que vemos o movimento chamado Complexo de Édipo, momento em que a criança tem mais proximidade com um de seus pais, de uma forma mais consciente, e podem sentir ciúmes da atenção que dão um ao outro. O outro progenitor, que fica de fora daquela relação próxima, se torna uma ameaça.

[...] Pouco adianta, para a criança, que a ciência biológica tenha de dar razão a seu pré-conceito, reconhecendo o clitóris feminino como um genuíno substituto do pênis. A menina não se utiliza de tais rejeições quando enxerga o genital diferente do menino. Ela se dispõe imediatamente a reconhecê-lo e é vencida pela inveja do pênis, que culmina no desejo, importante em suas consequências, de ser também um garoto (FREUD, 1905, p. 105).

- **Período de Latência**

No período de latência, que ocorre entre os seis e os nove anos de idade, as crianças se tornam capazes de se identificarem com outras pessoas, além de seus pais. Nesta fase também são desenvolvidos os sentimentos como a vergonha, a

repulsão e a moralidade, fatores determinantes para seus desejos sexuais posteriores. Não só a escola, mas o convívio social também inibe os impulsos inconscientes desses pequenos, que não são bem vistos pela sociedade.

Provavelmente à custa dos impulsos sexuais infantis mesmos, que não cessaram nesse período de latência, mas cuja energia - integralmente ou na maior parte - é desviada do emprego sexual e dirigida para outros fins. Os historiadores da civilização parecem concordes em supor que, desviando-se as forças instintuais sexuais das metas sexuais para novas metas - um processo que merece o nome de sublimação (FREUD, 1905 p.81).

- **Fase genital**

A fase genital é caracterizada pelo fim da infância e começo da puberdade, se estendendo até à vida adulta. Momento em que a pulsão sexual autoerótica é transferida para um objeto sexual. Agora, a zona erógena se encontra nas genitálias, as pulsões de cunho sexual são intensificadas, gerando desconforto quando não são satisfeitas. Mudanças físicas e mentais são evidentemente diferentes das fases anteriores.

Havendo também a excitação de outra zona erógena, da mão que toca, por exemplo, o efeito é o mesmo: por um lado, sensação de prazer que logo é reforçada pelo prazer oriundo das modificações preparatórias [dos genitais]; por outro lado, aumento da tensão sexual, que logo passa a nítido desprazer quando não lhe é permitido gerar mais prazer (FREUD, 1905, p. 125).

Para Freud (1905), os primeiros anos de vida da criança são muito importantes para a formação da personalidade, sendo atrelada aos estágios psicosssexuais do indivíduo e das experiências vividas durante cada um deles. É possível observar as diferentes fases, por meio da pulsão, que diferentemente do instinto sexual, é a manifestação interminável da busca pela excitação, a qual nenhum clímax sexual seria capaz de extinguir, pois sua origem é no inconsciente e não fisiológico.

2.4 Contribuições de Freud a Educação

Freud (1905) não se dedicou, especificamente, aos estudos a respeito da educação. Contudo é possível, por meio de suas obras, observar como o assunto estava eventualmente atrelado aos seus trabalhos.

Segundo Jolibert (2010), Freud diz não ter acrescentado muito à Pedagogia. Apesar de não ter produzido uma obra específica a respeito da educação, ao decorrer de toda sua trajetória de pesquisas e obras, há sempre um momento em que o tema é abordado e “[...] não há obra de Freud, em um momento ou outro de seu desenvolvimento, em que não seja cotejada a questão educativa” (JOLIBERT, 2010, p. 15).

Inicialmente, o pensamento de Freud acerca da educação é pautado em dois questionamentos: biológico e histórico. O primeiro, evidencia o quanto o homem nasce dependente e inacabado, precisando de cuidados a longo prazo, quando comparado a outros mamíferos, o que o torna suscetível à influência adulta por mais tempo e aprofunda sua relação de dependência. Já o segundo, evidencia que o homem só é homem, não só pela condição biológica, mas principalmente, por sua vivência e troca cultural.

Para Freud (1988), é na infância que reside a origem dos transtornos dos adultos. Com isso, considera a questão educativa como essencial. Para ele, o adulto é filho da criança. Dessa forma, não é possível deixar de lado a questão da infância e sua educação (JOLIBERT, 2010).

A partir do duplo ponto vista, de a educação ser pautada nos questionamentos biológico e cultural, e de que a junção do desejo natural e da cultura, ocorre após a passagem pelo complexo de Édipo, moldando como a cultura se institui no homem, pressupõe-se que Freud, desde os primórdios de seus estudos a respeito da histeria, foi direcionado a uma indagação sobre a finalidade dessa prática, que seria fazer a criança passar do desejo imediato à realidade social.

Freud (1988) esclarece que a socialização da criança, se dá pela ação repressiva, ou seja, “a repressão é uma operação psíquica que tende a suprimir conscientemente uma ideia ou um afeto cujo o conteúdo é desagradável. (PLON; ROUDINESCO, 1997, p. 659)”. Pois é na educação que a proibição à algumas

tendências pulsionais se iniciam, estabelecendo a essência da ação de socializar. E ainda, para o autor “A educação se define como uma ação do adulto sobre a criança, ação da passagem do prazer à realidade, quer dizer, do desejo bruto ao desejo socializado, integrado a um universo inter-humano regrado (JOLIBERT, 2010, p. 17)”.

De acordo com Kupfer (1989), com a chegada da psicanálise, alguns educadores se animaram com a ideia da possibilidade de uma pedagogia mais aberta à compreensão e à liberdade da criança, que como consequência, evitasse o desenvolvimento de uma neurose ou angústia. Quando estudada mais a fundo, ficou evidente que essa não poderia ser uma realidade adotada, visto que com a falta de restrição e de orientação, o aluno poderia se tornar rebelde. Contudo, a repressão em demasia poderia gerar distúrbios neuróticos. Freud pensava ser, por meio da educação, que a moral infundia no homem, a noção de vergonha e pecado que deveriam sentir em relação às práticas sexuais. Esse conceito mudou, ao se dar conta de que na própria sexualidade há um desprazer (e daí surgiu o conceito “recalque”), fortalecendo a moralidade, não o contrário.

Para Sigmund Freud, o recalque designa o processo que visa a manter no inconsciente todas as ideias e representações ligada às pulsões e cuja a realização, produtora de prazer, afetaria o equilíbrio do funcionamento psicológico do indivíduo, transformando-se em fonte de desprazer. (PLON; ROUDINESCO, 1997, p. 647)

Mas ainda na época, quando ligava doença nervosa à moralidade, e conseqüentemente à educação, era coerente recomendar que os educadores fossem menos severos com seus alunos, entretanto, ele também constata a importância do rigor para um bom funcionamento do psíquico. E ainda, apesar de ser necessária a rigidez, não havia necessidade em ser abusivo quanto ao uso de poder. (KUPFER, 1989)

Morgado (2000) esclarece que o âmago da autoridade do docente é pedagógico, ocorrendo por meio da mediação proporcionada entre o educando e os conteúdos culturais. Se, por ventura, a relação priorizar o afeto, ao invés dos conteúdos, a mediação se torna inapropriada, uma vez que a autoridade pedagógica será transferida para uma outra.

Eventualmente, uma das formas de abuso do exercício da autoridade, se dá por meio da retenção do conhecimento por parte do professor. Da sobreposição da relação de afeto, ocorrida de forma inconsciente, se deriva a sedução, fenômeno

psicanalítico, que de maneira velada recusa o compartilhamento dos bens culturais apossados e ainda é atrelada a questão adversa do autoritarismo pedagógico, “[...] porque o problema remete à sedução como processo inconsciente que desfigura a autoridade pedagógica.” (MORGADO, 2000, p. 83)

Para a teoria psicanalítica, a relação construída entre a criança e seus genitores, pode ser entendida como um protótipo das relações sociais posteriores. E no seu decorrer, tendo seus pais como modelo, na qual a autoridade e a sedução agem em conjunto, o processo inconsciente, denominado identificação, interioriza na criança atributos psíquicos deles.

Nessa relação original, em que a sexualidade/afetividade infantil se constitui no campo da sexualidade/afetividade dos pais – adultos já constituídos e, por isso, mais ativos –, instaura-se o processo de sedução. No par sedutor-seduzido, o bebê ocupa, em um primeiro momento, o pólo mais passivo e tem, nessa desigualdade, sua primeira relação de autoridade” (MORGADO, 2000, p. 83).

Plon e Roudinesco (1997) definem identificação, como um termo usado na psicanálise, para denominar a maneira como “[...] o sujeito se constitui e se transforma, assimilando ou se apropriando, em momentos-chave de sua evolução, dos aspectos, atributos ou traços dos seres humanos que o cercam (PLON; ROUDINESCO, 1997, p. 363).

Nessa perspectiva, na qual a relação original define as relações subsequentes, é possível perceber como a relação pedagógica se configura à sedução. E como a identificação ocorrida entre o docente e o aluno, está submetida à maneira como as relações iniciais, de ambas as partes, foram constituídas. Para que o enfoque no trabalho intelectual seja sobreposto a essa sedução, duas ações são necessárias, “[...] a transferência, referida aos afetos da relação passada que o aluno deposita no professor; e a contratransferência, referida à reação do professor aos afetos transferidos de que é depositário” (MORGADO, 2000, p.84).

De uma maneira a esclarecer como surgiu o conceito da transferência, Kupfer (1989) relata ser durante o trabalho de Freud como analista, a recorrência de casos nos quais os pacientes transferiam para ele, o trauma causado por terceiros. A longo prazo, percebeu que também ocorria nas diversas relações que eram tidas no decorrer de suas vidas, incluindo na relação professor-aluno.

Nessa relação, a transferência aconteceria mediante o desejo de saber do educando atrelada a figura, em particular, do professor, ou seja, “Transferir é então atribuir um sentido especial àquela figura determinada pelo desejo” (KUPFER, 1989, p. 91).

Após o processo da transferência ser inserido, o docente se torna um depositário (segundo Freud, nada mais é que um investimento que alguém faz sobre o outro) pertencente ao aluno e como consequência, se torna uma figura importante. O poder sobre o indivíduo vem justamente dessa importância criada sobre a imagem do professor; pelo desejo do próprio educando. A história nos mostra como é tentador abusar do poder, e para um educador, o abuso seria por intermédio da subjugação do aluno, impondo-lhes o seu próprio desejo e valores.

Cedendo a essa tentação, cessa o poder desejante do aluno. O professor entenderá sua tarefa como uma contribuição à formação de um ideal que tem uma função reguladora, normatizante, e fundará aí sua autoridade. Sua missão será submeter seu aluno a essa figura de mestre. Nesse caso, a Educação fica subordinada à imagem de um ideal estabelecido logo de início pelo pedagogo e que, simultaneamente, proíbe qualquer contestação desse ideal. (KUPFER, 1989, p. 93)

A ideia de a pulsão sexual só ser despertada no indivíduo durante a puberdade, é comum na opinião popular, segundo Jolibert (2010). Contudo, Freud já provou ser existente durante a infância. O recém-nascido já apresenta moções sexuais com sua chegada, as quais se desenvolvem até o momento em que a repressão ocorre. A regularidade e a exatidão desse desenvolvimento oscilante, ainda parecem incertos. No entanto, por volta dos 3 ou 4 anos, a sexualidade da criança parece mais acessível à observação.

Durante o período de latência, as forças anímicas são estabelecidas, e posteriormente, serão obstáculos ao longo do percurso da pulsão sexual, se manifestando à maneira de sentimento de vergonha, requisito de ideias e morais.

Nas crianças civilizadas, tem-se a impressão de que a construção desses diques é obra da educação, e certamente a educação tem muito a ver com isso. Na realidade, porém, esse desenvolvimento é organicamente condicionado e fixado pela hereditariedade, podendo produzir-se, no momento oportuno, sem nenhuma ajuda da educação (JOLIBERT, 2010, p. 86).

Ferreira e Jorge (2002) questionam, o que a partir de Freud deve ser considerado como sexual. E explicam, segundo a teoria Freudiana que “[...] toda e qualquer atividade humana é sexual. Libido é a energia sexual, a força da pulsão sexual. E pulsão é o que se situa na fronteira entre o psíquico (mental) e o somático (corpo)”. Nesse sentido, a libido se manifesta nos seres humanos pela via pulsional, cuja pulsão é a representante psíquica dos estímulos internos, oriundos dessa energia sexual. Dessa forma, a pulsão não é um instinto, o qual obedece a ciclos periódicos e tem objetos específicos, “A pulsão apresenta quatro termos em sua estrutura: força (ou pressão, ou ainda impulso), fonte, objeto e alvo. [...] A pressão, uma força constante que se impõe incessantemente ao aparelho psíquico, é uma pura e simples tendência à descarga de uma excitação interna. Essa força da pulsão é aquilo que Freud denominou de libido, sua energia”. (FERREIRA; JORGE, 2002, p. 30)

As pulsões sexuais não se cessam durante o período latente, porém são redirecionadas do uso sexual para outros fins. Por intermédio desses redirecionamentos das forças pulsionais sexuais, é possível compreender a sublimação, segundo Jolibert (2010).

Segundo Plon e Roudinesco (1997), Freud qualificou o termo sublimação para explicar um determinado tipo de atividade humana “[...] que não tem nenhuma relação aparente com a sexualidade, mas que extrai sua força da pulsão sexual, na medida em que esta se desloca para um alvo não sexual, investindo objetos socialmente valorizados” (PLON; ROUDINESCO, 1997, p. 734).

A relação entre os estudos de Freud e a Educação, podem decorrer da característica errática das pulsões. Dado que a pulsão sexual não obtém obstinação no instinto, e o objeto de satisfação não faz diferença, podendo ser atingido por diferentes vias. A pulsão sexual pode ser direcionada para outros caminhos socialmente produtivos; é passível de sublimação. A energia que acarreta a pulsão é sexual, mas o objeto, não. (KUPFER, 1989)

As bases necessárias à sublimação são fornecidas pelas pulsões sexuais parciais e claramente perversas. Portanto, uma ação educativa que se propusesse a desenraizar o “mal” em que nasce a criança estaria não só fadada ao fracasso como estaria atacando a fonte de um “bem” futuro. [...] Freud deixa de ser identificado como pedagogo tradicional a partir do momento em que não preconiza o desenraizamento do “mal”, mas propõe a sua utilização, a sua canalização em direção aos valores “superiores”, aos bens culturais, de produção socialmente útil. “Sem perversão”, diz ele, “não há

sublimação”. E sem sublimação, não há cultura. (KUPFER, 1989, p. 43-44).

As contribuições de Freud são referências humanistas, devido a sua apreciação e compreensão acerca do funcionamento do ser, na condição de existir. Sua concepção de educação não se baseia em potencializar o retraimento e o constrangimento social, no entanto, visa mostrar à criança como ter domínio de seus instintos. Ele designa à educação, o ponto de equilíbrio entre a permissão e a proibição; as vantagens e desvantagens compelidas à realidade do prazer imediato. E também, o preparo à abdicção dos desejos infantis, direcionando as pulsões sublimadas, dando possibilidade ao aluno de se enxergar e se compreender para além de suas ilusões, de uma maneira mais real e lúcida.

2.5 Sexualidade Infantil

O conceito da inocência das crianças foi algo construído ao longo do tempo, e por meio de um panorama histórico, é possível observar uma sucessiva mudança sociocultural. O historiador Philippe Ariès (1981), revelou por meio de sua pesquisa, que o sentimento de infância como conhecemos hoje, surge a partir do século XVII, quando passa a ser caracterizada como um período da vida do ser humano de fragilidade e ingenuidade. Segundo o autor, na idade média, não havia a ideia de infância, esse período do começo da vida, era visto apenas como uma transição; a criança era representada como “pequeno adulto”, muito visível na arte dessa época, por exemplo,

Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo. Uma miniatura otomiana do século XI nos dá uma ideia impressionante de deformação que o artista impunha então aos corpos das crianças, num sentido que nos

parece muito distante de nosso sentimento e de nossa visão (ARIÈS, 1981 p. 50).

A concepção da infância começou a ser moldada a partir da escolarização e dos ideais da Igreja, no final do século, quando a imagem da criança é separada da do homem e associada à de anjos, que espelhava a pureza e a inocência, de acordo com Ariès (1981). Foram, então, criados vínculos emocionais com a preocupação a respeito da fragilidade e da formação moral delas.

Trata-se um sentimento inteiramente novo: os pais se interessavam pelos estudos dos seus filhos e os acompanhavam com solicitude habitual nos séculos XIX e XX, mas outrora desconhecida. (...) A família começou a se organizar em torno da criança e a lhe dar uma tal importância que a criança saiu de seu antigo anonimato, que se tornou impossível perdê-la ou substituí-la sem uma enorme dor, que ela não pôde mais ser reproduzida muitas vezes, e que se tornou necessário limitar seu número para melhor cuidar dela (ÁRIES,1981 p.12).

A sexualidade é uma parte da essência humana e deve ser tida como uma característica estabelecida, e, portanto, compreendida em sua completude como objeto da área de conhecimento, que vai além do biológico centrado em reprodução ou instinto sexual. Segundo a Organização Mundial de Saúde - (OMS)(2015)

Sexualidade é um aspecto central do ser humano ao longo da vida; ela engloba sexo, identidades e papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A sexualidade é vivida e expressada por meio de pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos. Embora a sexualidade possa incluir todas essas dimensões, nem sempre todas elas são vividas ou expressas. A sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, jurídicos, históricos, religiosos e espirituais (OMS, 2015, p.15).

De acordo com Kupfer (1989), a criança, desde muito nova demonstra ter curiosidade a respeito de assuntos relacionados à sexualidade e, portanto, passa a investigar e observar questões sexuais, como forma de se compreender, por isso as “[...] primeiras investigações são sempre sexuais e não podem deixar de sê-lo: o que está em jogo é a necessidade que tem a criança de definir, antes de mais nada, seu lugar no mundo. E esse lugar é, a princípio, um lugar sexual” (KUPFER, 1989, p.81).

Quando Freud (1905) propõe uma nova visão, a respeito da criança ter sua individualidade, e ainda discorre acerca de como as necessidades sexuais surgiam desde o nascimento, ao apresentar os *Três Ensaios Sobre a Sexualidade* para a classe médica, um choque é causado na sociedade, de acordo com Jones (1953). A obra causou ódio e repulsa, Freud foi considerado uma pessoa de mente má e obscena, pois a existência de uma sexualidade infantil era uma concepção contrária à do final do século XIX, na qual o sexo era definido pela consumação do ato sexual entre um homem e uma mulher, com propósito reprodutivo. Ato como a masturbação ou a singela busca pelo prazer, seja de qual forma, eram apontados como atitudes perversas.

Para Roudinesco (2014), Freud contribuiu para ampliar o universo da sexualidade infantil, ao descreve-la como “disposição perverso-polimorfa” e não ter feito uso de nenhum termo psiquiátrico, de forma pejorativa, para descrever as atividades sexuais das crianças. Falava sem nenhum acanhamento, ou obscenidade, a respeito de atos como chupar o dedo e brincar com os próprios excrementos, tornando a criança de até quatro anos, em um ser capaz de vivenciar experiências de gozo e crueldade, contudo, tendo que as deixas para trás com a chegada da vida adulta.

De acordo com Kupfer (2007), para Freud, o termo “sexual” é divergente à genital, transcende o ato sexual

Em seu pensamento, sexual não se confunde com genital. A sexualidade genital refere-se precisamente à cópula com o objetivo de procriar ou de obter prazer orgástico. Mas a sexualidade é mais ampla que a sexualidade genital. Inclui as preliminares do ato sexual, as perversões, as experiências sexuais da criança vividas em relação ao seu próprio corpo ou em contato com o corpo da mãe (KUPFER, 2007, p. 39).

Segundo Jones, Freud já “Admitiu que usava o termo "sexualidade" com uma conotação mais ampla do que o habitual, mas levantou a questão acerca de se o seu uso era muito amplo ou o uso comum muito estreito (por razões de repressão)”

[...] No que toca à "expansão" do conceito de sexualidade, que a análise de crianças e dos assim chamados perversos tornou necessária, todos os que olham desdenhosamente para a psicanálise, de uma posição de superioridade, deveriam ter em mente como a

sexualidade ampliada da psicanálise se aproxima do Eros do divino Platão (FREUD, 1905, p.18).

Assim como para Laplanche (2002), o conceito da sexualidade de Freud não deve ser reduzido ao ser sexuado

O sexual infantil é a grande descoberta de Freud. É o "sexual" alargado além dos limites da diferença sexual, além do sexuado. É o sexual parcial, ligado às zonas erógenas, funcionando segundo o modelo do *Vorlust*, onde vocês tornam a encontrar a palavra *Lust* que quer dizer ao mesmo tempo prazer e desejo. (LAPLANCHE, 2001, p. 23).

A sexualidade está presente no indivíduo desde seu nascimento e, portanto, não deve ser ignorada, mas sim reconhecida como parte importante de seu autoconhecimento e de sua existência no mundo. A infância é tida como um período de pureza e inocência, mas Freud propõe a ideia de uma criança repleta de conflitos e afeições.

2.6 Manifestações da Sexualidade Infantil

O trabalho com a educação sexual nas escolas, começa com a educação do próprio profissional, que abordará o assunto com as crianças. Segundo Nunes e Silva (2006, p. 106) “Toda educação sexual implica uma reeducação da própria sexualidade. Só transmitimos com segurança aqueles conceitos e valores que nos convencem.” Assim, por meio da conscientização da importância da educação para a sexualidade, pautada na crítica aos modelos vigentes, por meio da busca sistemática pelo conhecimento por pesquisas e aprofundamento no assunto, os autores defendem o trabalho com educação sexual em escolas de ensino infantil.

É impossível pensar em educação, para o desenvolvimento da sexualidade como um modelo rígido a ser seguido, por instruções técnicas e coordenadas normativas. Para Nunes e Silva (2006, p. 106) “[...]a sexualidade é uma dimensão humana fundamentalmente constituída a partir das relações que empreendemos com o mundo e a cultura, desde suas matrizes institucionais presentes na família e em todas as expressões da sociedade.” Tornando-se assim, a educação sexual, ainda

nas palavras dos autores, “buscar criar as condições para uma apropriação erótica da existência, um convite amoroso a uma singular expressão prazerosa e gratificante de seu ser no mundo.” (NUNES; SILVA, 2009, p. 109)

Para Pantoni; Piotto e Vitoria (2011, p. 71) “A sexualidade atravessa a vida das pessoas de maneira única. Ela se associa às ideias e sensações de amor, de prazer, de uma relação afetiva que une as pessoas e, mais ainda, que faz criar novos produtos de amor”. Os autores defendem a educação sexual, pois uma vez que, assim como a criança aprende habilidades sociais e motoras, como falar e andar durante seu desenvolvimento, aprende, também, a respeito de seu corpo e suas sensações. Conseqüentemente, uma educação para sua sexualidade se torna necessária. Eles destacam que “A aprendizagem sobre seu corpo e o corpo das outras pessoas, sobre as sensações de carinho, de prazer ou desprazer marcam profundamente a criança” (PANTONI; PIOTTO; VITORIA, 2011, p. 72).

Creches recebem bebês desde seus primeiros meses de vida, eles chegam dependentes de cuidados para se nutrir, manter sua higiene, socializar, entre outras atividades cotidianas, que demandam uma autonomia ainda não conquistada.

Macri (2019) destaca a importância de privilegiar o carinho durante os cuidados com o bebê, o tratando com carinho e respeito, pois ao receber esses estímulos positivos durante as atividades cotidianas, o bebê internalizara essas sensações agradáveis e descobrirá que o prazer faz parte de si. A autora destaca a conversa constante com o bebê, mesmo que este ainda não tenha habilidade para responder, e o olhar cuidador, como ferramentas fundamentais para a interação com o pequeno, assim como a criação de sua autoestima.

Até aproximadamente os dois anos de idade, o bebê está na fase oral de desenvolvimento psicosssexual, marcada pela satisfação por meio da boca e pela exploração do ambiente através desse órgão. Além do seio da mãe, objeto primário de satisfação, o bebê começa a procurar em outros elementos, de valor similar, o prazer que encontrara ao se nutrir, levando então outros objetos à boca. (FREUD, 1905)

Macri (2019) alerta sobre os perigos da falta de supervisão da criança que, ao se encontrar nessa fase, leva à boca, tudo que alcança:

É claro que existem brinquedos apropriados para isso, mas precisamos ficar atentos, pois eles acabam se aventurando com objetos perigosos nestas descobertas. A maioria das crianças gosta de colocar a mão na boca e se delicia verdadeiramente com isso. E deixá-los descobrir o mundo é fundamental para o restante de suas vidas (MACRI, 2019, p. 25).

Ao final do primeiro ano de vida, ao experienciar o controle na defecação, o bebê entra em uma nova fase de desenvolvimento psicosssexual, nomeada “fase anal”. Neste momento, a energia libidinal está concentrada no ânus e na retenção e liberação das fezes. É a partir do controle dessa produção, do simbolismo criado em seu cocô, que expressará sua insatisfação ou gratificação, aos seus pais e cuidadores. (NUNES; SILVA, 2006)

Moreira e Vitória (2011) explicitam como, na atual sociedade, os adultos transmitem à criança a mensagem de que sua produção de fezes e urina, são ações sujas. Não devendo ultrapassar o espaço de descarte, levando a julgamento ações como espalhar as fezes no berço ou no chão, como nojentas e agressivas. Porém, a criança ao defecar, tem uma visão diferente dessa produção, pois para elas “O xixi e o coco são as primeiras produções independentes da criança. A princípio ela pode expressar o maior orgulho dessas produções, quando percebem que foram feitas por elas!” (MOREIRA; VITORIA, 2011, p. 141).

Macri (2019) orienta ter cuidado ao lidar com a criança, em momentos de manipulação das próprias fezes. Tratar os excrementos da criança como algo ruim, a reprimindo e humilhando, pode ser prejudicial à sua autoestima, já que passará a ver sua primeira produção, como algo ruim, “Por isso, tente dizer com tranquilidade e de forma positiva, algo como ‘vamos dar tchau para o coco no vaso ou no peniquinho’, então dê massinha, argila ou outro material parecido para a criança brincar” (MACRI, 2019, p. 26).

Ao iniciar o desfralde, a criança começa a ter um controle ainda melhor da liberação de suas fezes, e também, passa a enxergá-las como dejetos. Moreira e Vitória (2011) explicam que, durante esse período, a criança está desenvolvendo o controle dos esfíncteres, e simultaneamente, construindo sua autoestima, sendo necessário naquele momento, uma boa relação com seu corpo.

Segundo Macri (2019) “[...] no desfralde é de extrema importância que a criança não se sinta humilhada. Por isso, evite palavras ofensivas quando ela não der conta de esperar chegar ao banheiro e fizer coco ou xixi na calça.” A autora ainda comenta

que o profissional da educação que estiver acompanhando a criança neste momento deve também reconhecer elogiando a criança quando esta conseguir fazer suas necessidades em local adequado (MACRI, 2019, p. 26).

Como uma atividade cotidiana, é de suma importância o trabalho dos profissionais envolvidos na educação do controle das fezes da criança, para que esta possa, por meio de hábitos de higiene, construir sua autoestima e autonomia. Não é de interesse só dos pais, mas da escola e da sociedade, como um todo. (MOREIRA; VITORIA, 2011)

Considerando nossas regras sociais, é necessário um processo de educação do controle do xixi e do cocô, isto é, ela precisa aprender a fazer suas necessidades no lugar certo, sem se sujar. É importante fazer com que esse processo ocorra de forma tranquila para a criança, senão, ela poderá sofrer com isso e apresentar outros tipos de problemas no decorrer do tempo. (MOREIRA; VITORIA, 2011, p. 141).

Macri (2019) aconselha que seja mantido um respeito pelo espaço da criança, que a ajuda seja oferecida somente com permissão dela, pois é de suma importância para seu desenvolvimento, que precise cada vez menos da ajuda de um adulto, para assim desenvolver sua autonomia, principalmente em atividades cotidianas como a higiene íntima. Além de construir as primeiras noções de consentimento e liberdade. A autora ainda faz um apelo a higiene feminina:

Outra coisa superimportante na higienização, é lembrar a menina que o uso do papel higiênico é sempre da frente para trás. Parece desnecessário falar disso, mas ainda temos mulheres adultas limpando-se de forma errada e tendo problemas de saúde por conta disso. (MACRI, 2019, p. 42)

A partir do desfralde, a criança desenvolve autonomia para cuidar de sua higiene, e assim começa a manusear as partes íntimas, um movimento natural ao fazer a manutenção de seus cuidados pessoais. Por meio dessa investigação do próprio corpo, a criança logo começa a se interessar pelo corpo alheio. Freud (1905) explica que, no primeiro florescimento da vida sexual, a criança começa a desenvolver o instinto pela pesquisa. Esse instinto pode a levar a descobrir o prazer em manusear sua genital, mas ainda em um movimento de prazer sem conotação sexual, focada nas sensações, assim como o prazer do bebê pela sucção e pela defecação.

Macri (2019) aconselha que, ao se deparar com uma situação de autodescoberta, como a masturbação, o adulto deve agir de forma tranquila, indagando a criança sobre o que está fazendo, sem tom de julgamento para não a envergonhar. E explicar que ela pode se tocar, desde que isso ocorra em um local apropriado e seguro, evitado assim, o constrangimento em outras futuras situações. A autora também adverte:

Além disso, orientar sobre os cuidados com a higiene íntima e para que ela não use ou insira em seus genitais nada que possa lhe machucar. Dê estas orientações com calma, numa linguagem que a criança entenda, para que ela possa passar por essa fase de forma sadia (MACRI, 2019, p. 28).

Macri (2019) ainda enfatiza a importância dos momentos de troca de roupas e banhos, como uma oportunidade de conversar sobre o nome dos genitais, mapeando o conhecimento da criança sobre o próprio corpo e ajudando na descoberta de si, e para além, do reconhecimento do corpo do outro.

As situações de banhos coletivos são uma realidade em algumas creches e escolas de ensino infantil. Guimarães (2011), em sua obra “Banho, que delícia!”, levanta a questão sobre separar meninos e meninas nesse momento de higiene. Para a autora, primeiramente, essa deve ser uma decisão tomada entre equipe e comunidade, mas que em sua visão não há a necessidade dessa divisão entre meninos e meninas. Pois as crianças, nessa idade, ainda não veem os órgãos sexuais como objeto de desejo, não tendo assim, a visão maliciosa adulta.

Guimarães (2011) defende a importância da hora do banho como ação pedagógica

Por outro lado, ter a oportunidade de descobrir as diferenças físicas entre meninos e meninas pode ser um momento rico para a aprendizagem. O confronto entre os sexos e as perguntas que surgem podem fazer parte dos projetos psicopedagógicos dos educadores, na hora do banho (GUIMARÃES, 2011, p.128).

Em meio a descoberta do corpo do outro, Macri (2019) relata que a criança age pelos impulsos de descoberta, então, ações de caráter exploratórios, não devem ser punidos, e sim, orientados para sua segurança. Ao observar esses toques, parte do

movimento de autodescoberta, Macri (2019) alerta apenas a sinais que fogem à normalidade e podem causar danos a criança.

Uma atenção maior deve ser dada caso a criança toque os seus genitais com muita frequência, pois pode ser a forma que ela encontrou de liberar seu estresse. Vale a pena investigar se a criança está passando por dificuldades na escola ou se o ambiente familiar tem muitas brigas, entre outras situações. (MACRI, 2019, p. 31)

Pantoni; Piotto e Vitoria (2011) complementam a ideia de Macri (2019), ao argumentar a necessidade de estar atento as diferenças entre um movimento natural de auto exploração, e uma tentativa da criança de mostrar ao adulto, que algo não vai bem, ao se masturbar constantemente.

A criança pode estar usando essas ações para demonstrar que algumas de suas necessidades afetivas não estão sendo satisfeitas. Falta de atenção, tédio, ansiedade ou tristeza podem ser alguns dos motivos que levam uma criança a se masturbar com maior frequência (PANTONI; PIOTTO; VITORIA, 2011, p. 73).

Os autores explicam que, a criança usa dessa masturbação, como forma de compensar um mal-estar que possa estar sentindo. Pois esses movimentos repetitivos, são uma fonte segura de prazer e relaxamento. Além da possibilidade de resolver a situação agredindo o adulto, por ser uma ação julgada muitas vezes como errada e ilícita.

Outra situação, que causa medo e insegurança em pais e profissionais da educação, são as perguntas que surgem a partir da exploração de si e do outro. Com o desenvolvimento da fala, o aperfeiçoamento da dicção e o estreitamento das relações sociais, nasce uma curiosidade incontrolável nas crianças.

Nunes e Silva (2006) explicam que a exploração pela vivencia já não satisfaz o pequeno, e o desejo pelo saber extrapola por perguntas, muitas vezes, capciosas. Essas perguntas, dentro do campo da sexualidade, navegam pelas dúvidas sobre as relações sexuais, os órgãos genitais e de onde vem os bebês. Negar a sexualidade da criança ou tentar reprimi-la, declinando a ela as informações necessárias para o esclarecimento desses sentimentos, e situações vividas por ela, podem ser prejudiciais.

A curiosidade não satisfeita vira ansiedade de saber e pode desencadear um comportamento que expressa uma ansiedade difusa, podendo evoluir para algum distúrbio na personalidade. É importante satisfazer a curiosidade da criança respeitando seus limites de entendimento e a especificidade da dúvida que ela apresenta. Não responder nada mais nem a menos do que ela pergunta de maneira objetiva e muito sincera (NUNES; SILVA, 2006, p. 55).

Nunes e Silva (2006) ainda alertam para perguntas feitas pelas crianças, que são deixadas ao imaginário, ficam sem um retorno satisfatório:

As perguntas das crianças nunca ficam sem respostas, pois se elas percebem, pela forma com que se relacionam com seus pais e educadores, como são consideradas suas indagações e vivências afetivo-sexuais, com seus pais ou todos os demais interlocutores, suspeitando ou concluindo que não foram satisfeitas em sua curiosidade e questionamento, certamente buscarão outros universos e interlocutores nem sempre os mais recomendáveis (NUNES e SILVA, 2006 p. 119).

Pantoni; Piotto e Vitoria (2011) afirmam que embora pareçam ‘assustadoras’ para os adultos, essas dúvidas fazem parte da tentativa da criança de entender os diferentes acontecimentos e as pessoas do mundo ao seu redor. Nunes e Silva (2006) entendem que alguns adultos têm dificuldade em enfrentar certas situações de questionamentos, devido ao desconhecimento do assunto, porém ao reconhecer sua incapacidade, deixam essas perguntas sem respostas.

Os educadores que evitam abordar a discussão sobre a sexualidade infantil, que não buscam informações para seu aperfeiçoamento e que nada desenvolvem para adquirir uma habilidade didática para trabalhar o assunto estão radicados na omissão e na irresponsabilidade [...] (NUNES; SILVA, 2006, p. 118).

Nunes e Silva (2006) complementam a ideia, provocando os profissionais da educação que se apropriam de uma educação progressista, com responsabilidade na educação integral, mas que abdicam de seus valores ao falar de sexualidade, dando para essa questão, um valor menor ou fugindo ao assunto.

No mesmo sentido, Pantoni; Piotto e Vitoria (2011) afirmam que parte de uma educação integral de qualidade, além do direito aos cuidados a sua integridade, a criança também tem direito a uma educação sexual que seja construída por meio do lúdico, de forma saudável e prazerosa. “Para isso os educadores precisam ter

condições de respeitar esse direito. Eles também precisam ter condições de promover projetos psicopedagógicos para auxiliar no desenvolvimento da sexualidade e na educação sexual das crianças” (PANTONI; PIOTTO; VITORIA, 2011, p. 75).

Sendo assim, outro alerta é sobre a disseminação de informações falsas e fantasiosas a criança, para eles “É importante evitar transmitir às crianças informações errôneas, por exemplo, as histórias de cegonha. Muitas vezes essas informações são geradoras de medo e culpa nas crianças” (PANTONI; PIOTTO; VITORIA, 2011, p. 75).

É importante que a criança desenvolva essa curiosidade, pois é pelo exercício desta, que investiga e assimila o mundo. Nunes e Silva (2006) mostram em seus estudos:

As teorias pedagógicas contemporâneas afirmam [...] que a criança age de maneira intuitiva e sensorial na dinâmica descoberta de sua corporeidade e das formas sociais de sua expressão. A mesma curiosidade que estimula o apropriar-se de linguagem, do mundo da cultura e dos comportamentos socialmente aceitos, engendra a satisfação dos desejos e o encontro com possibilidades gratificantes de apropriar-se subjetivamente, com todas as potencialidades de aprender e usufruir do ser do mundo das coisas e das pessoas (NUNES; SILVA, 2006, p. 118).

Macri (2019) explica que as crianças terão curiosidade sobre si e sobre o corpo do outro, uma parte importante do seu desenvolvimento, que se desenvolverá principalmente na escola, no convívio com os pares.

É saudável que muitas perguntas sejam feitas pela criança e é interessante descobrir de onde vem sua curiosidade, até mesmo para ficar por dentro do modo com que ela está adquirindo saberes e experiências sobre a sexualidade, qual a melhor resposta a ser dada, e que ela seja clara e objetiva, sanando as dúvidas levantadas (MACRI, 2019, p. 30-31).

O papel da escola neste momento, é voltar esse olhar curioso para a investigação científica, e desviar o olhar erotizado, que possa vir a atrapalhar esse momento tão rico para sua educação. A autora dá como dicas, em casos de situações constrangedoras entre os alunos, nesses momentos de descoberta, “Simples conversas sobre anatomia com as crianças, os limites de seus corpos e dos outros, inclusive em relação ao toque, vai resolver o assunto sem causar constrangimentos” (MACRI, 2019).

Aproveite para explicar também que o corpo do outro é do outro, e deve ser respeitado. Então essas perguntas são muito bem-vindas. Mas a partir daí, converse e explique à criança que não devemos tocar algumas partes do corpo do outro, e nem devemos permitir que toquem as nossas. (MACRI, 2019, p. 43)

É de suma importância que os pais estejam vigilantes, e cobrem da escola, o papel de educar as crianças para sexualidade. Como explicita Macri (2019)

Da mesma forma que devemos saber como nossos filhos serão alfabetizados, devemos perguntar sobre como e quem trará essas informações para as crianças na escola. [...] Muitos de nossos filhos passam pelo menos cinco a seis horas por dia na escola, então praticamente metade do dia eles integrem com colegas e professores. Sendo que este tempo deve ser direcionado para educação integral, inclusive para as várias dúvidas que surgirão nesse período (MACRI, 2019, p. 65)

Nunes e Silva (2006) reforçam a importância da parceria entre escola e comunidade, no processo de educação para a sexualidade das crianças.

A educação sexual só acontece quando assumida pela escola toda, como dimensão básica é fundamental do processo humano e educativo. Não há educação sexual voluntarista ou espontaneísta. [...] A educação sexual é formar a pessoa inteira para uma vivência gratificante e responsável de sua inalienável capacidade humana de desejar e ser desejado, amar e ser amado (NUNES; SILVA, 2006, p. 126).

Os autores Brino e Williams (2008), destacam a importância da participação dos pais na educação sexual das crianças, uma vez que “Os pais podem, efetivamente, ensinar crianças de 0 a 6 anos habilidades necessárias, além de reconhecer e responder a gestos sexuais inapropriados”. Os autores explicam que crianças que são capazes de reconhecer comportamentos inadequados, reagir rapidamente, deixar a situação e relatar para alguém o ocorrido, tem maiores chances de prevenir a efetivação do abuso sexual contra elas. Porém, para estes autores “Outro ponto importante é considerar que não é suficiente que a criança saiba reconhecer apenas que um desconhecido não pode tocar suas partes íntimas, uma

vez que há uma alta ocorrência de abuso sexual intrafamiliar” (BRINO; WILLIAMS, 2008, p. 211 -212).

Dados divulgados do Disque 100, um dos canais de denúncia oferecidos pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH) mostram que denúncias de violência contra crianças e adolescentes, atingiram no primeiro semestre de 2021, o alarmante número de 50.098 casos, sendo que, deste total, 40.822, ou seja, 81%, ocorreram dentro do convívio familiar da vítima. Considerando o número de casos de abuso sexual que acontecem dentro de casa, para Brino e Williams (2008):

O envolvimento de educadores como agentes de prevenção parece ser outro aspecto importante. [...]. Em virtude da acessibilidade dos professores às crianças, de serem melhores instrutores do que outros profissionais que lidam com elas e pelo fato de permanecerem pelo menos um ano com a mesma criança, educadores podem ser capacitados a ser instrutores de identificação e estratégias de intervenção com crianças vítimas de abuso (BRINO; WILLIAMS, 2008, p. 213).

Na pesquisa realizada pelos autores Brino e Williams (2008), foi constatada uma dificuldade dos profissionais da educação em discriminar os sintomas indicativos de abuso sexual. Uma vez que entram em contato com o assunto, e aprenderem sobre os sinais indicativos de abuso uma “luz vermelha”, como citam os autores, se acende a qualquer indício, e assim já será capaz de perceber estar diante de um caso de violência sexual contra este aluno. Os autores destacam a importância da capacitação dos professores, pois muitos profissionais, ao se depararem com essas situações, acabam por tomar um tempo de reflexão, com receio de agir, porém é de suma importância que a partir dos conhecimentos adquiridos, saibam as medidas que precisam ser tomadas em caso de percepção dos indícios, para que os abusos não se prolonguem.

[...] o profissional que não tem conhecimento sobre o que fazer em caso de suspeita de abuso sexual infantil poderá agir inadequadamente ou, simplesmente, não tomar atitude alguma, o que também pode ser bastante prejudicial à criança, ferindo inclusive a legislação vigente (BRINO; WILLIAMS, 2008, p. 219).

Macri (2019) comenta sobre sinais de que algo não está bem com a criança, como mudanças repentinas de humor e seu prolongamento, alterações no seu sono, choro sem motivo aparente, regressão no seu desenvolvimento. Mas como

mencionado anteriormente, é necessária uma formação adequada a professores de ensino infantil, para que saibam lidar com situações de anormalidade e saibam as medidas cabíveis, considerando que cada caso é único e tem que ser tratado a partir de suas especificidades.

Brino e Williams (2008), em sua obra, reforçam a ideia da capacitação de professores considerando a importância de uma rápida intervenção e da disseminação do conhecimento sobre prevenção ao abuso sexual infantil.

Além disso, crianças menores (com até seis anos de idade) apresentam mais dificuldade em relatar o abuso, pois não têm condições cognitivas e verbais necessárias para articular a violência e proporcionar recordações dos eventos. Dessa maneira, professores capacitados poderiam identificar, mais precocemente, sintomas do abuso nessa faixa etária e promover uma intervenção precoce, com o intuito de evitar ou amenizar as consequências imediatas do abuso sexual. (BRINO; WILLIAMS, 2008, p. 213).

É necessário, no processo de educar as crianças para sua sexualidade, que os profissionais da educação, assim como os pais e a comunidade, adotem uma atitude humanista e emancipatória, que se faz humanizada, conforme objetiva a autonomia da criança. Para que ela mesma possa preservar sua integridade e buscar a emancipação pelo esclarecimento e educação. A fim de conquistar essa educação humanizada, é necessária a responsabilidade e cuidado, ao considerar todas as dimensões do trabalho pedagógico, para que nenhum aspecto do desenvolvimento deixe de ser contemplado no processo educativo e “Sendo a sexualidade uma dimensão ontológica do seu humano, jamais poderemos deixar de contemplá-la neste processo de educação” (NUNES; SILVA, 2006, p. 124).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa pretendeu entender a contribuição de Freud para a Educação e a teoria da sexualidade, para o desenvolvimento humano. E de que maneira o docente pode auxiliar nesse processo fundamental, que se inicia na Educação Infantil.

A partir dos estudos realizados, foi primordial estudar a fundo a vida e as obras de Freud (1905), para melhor compreender a sua importância e as suas contribuições, priorizando os *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*. Assim como, o estudo de autores mais atuais, que discutem a sexualidade, não só para confirmar a sua importância, mas para auxiliar o professor em suas condutas em relação as crianças, em sala de aula.

Pela investigação, foi possível observar o quanto é importante tratar a sexualidade como parte integral do ser humano, desde o início de sua vida. Pois a negação de sua existência, desde seus primórdios, pode trazer consequências permanentes para a constituição do ser, quando adulto. Freud (1905) fala do acarretamento de doenças mentais, por conta da inibição das pulsões sexuais, na infância, no decorrer das fases psicosssexuais.

Dessa forma, a formação do profissional da educação é importantíssima para a mediação de situações da vivência dos alunos, para que estes tenham autonomia para lidar com a vida e sua inserção social. É importante que o docente, e toda a comunidade educativa, sejam capazes de desvencilhar-se de suas bagagens emocionais e morais, que de certa forma, também foram moldados no período psicosssexual. Para assim, então, ser possível lidar com pessoas de diferentes personalidades, que estão aprendendo, há pouco tempo, a respeito de si mesmos, e do funcionamento de seus corpos. E que, de alguma forma, estão sendo podados pela moral da sociedade que estão inseridos, passando pelo processo de sublimação.

Nesse sentido, constata-se que a sexualidade está presente na escola em todos os níveis educacionais, e o professor deve estar preparado para lidar com essas questões, fazendo intervenções e mediações adequadas, principalmente na educação infantil, de forma a permitir um desenvolvimento saudável e harmonioso. A proposta de educação, para o desenvolvimento da sexualidade, deve estar presente na finalidade de educação integral e deve integrar a Proposta Pedagógica da escola.

REFERÊNCIAS

ÀRIES, Philippe. **História Social da Criança e da Família**, 1986. Rio de Janeiro: Guanabara S.A.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. BRASIL.

BRINO, R. de F.; WILLIAMS, L. C. de A. **Professores como agentes de Prevenção do abuso sexual infantil**. Educação e Realidade, São Paulo, v. 2, n. 33, p. 209-230, jul/dez. 2008.

FERREIRA, M. C. et al. **Os fazeres na educação infantil**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 141-144.

FREUD, Sigmund. **O eu e o id**, "autobiografia" e outros textos, 1923. São Paulo: Companhia das Letras.

FREUD, Sigmund. **O sujeito na psicanálise e na educação: bases para a educação terapêutica**. São Paulo: Escuta, 2010.

_____. **Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos**, 1889. ESB Vol I. Rio de Janeiro: Imago.

_____. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**, 1905. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Um estudo autobiográfico**, volume XX, 1925. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GUIMARÃES, L. Banho: que delícia! In: ROSETTI-FERREIRA, M. C. et al. **Os fazeres na educação infantil**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 125-128.

JOLIBERT, Bernard. **Sigmund Freud**, 2010. Recife: Massangana.

JONES, Ernst. **A vida e a obra de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago. 1953.

JORGE, M. A. C.; FERREIRA, N. P. **Freud, criador da psicanálise**, 2002. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

KUPFER, M. C. M. **Educação para o futuro: Psicanálise e Educação**. São Paulo: Escuta, 2007, 3ª edição.

KUPFER, M. A. C. **Freud e a educação. O mestre do impossível**. São Paulo: Scipione, 1989.

LAPLANCHE, J. **Pulsão e instinto**: oposições, apoios e entrelaçamentos, 2000. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2001.

MACRI, L. R. D. **Mamãe, o que é sexo? Vem que eu te ajudo com a resposta!** Das dúvidas dos nossos filhos, do papel da escola e da família, à prevenção do abuso sexual infantil. São Paulo: Êxito Editora, 2019.

MOREIRA, L. V. de C.; VITÓRIA, T. **Controle de esfíncteres**. In: ROSETTI-NUNES, C.; SILVA, E. **A educação sexual da criança**: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. 2.ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

MORGADO, M. A.; PLACCO, V. M. N. S.; MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R.; LUNA, S. V.; Pino, A.; MORO, M. L. F. **Contribuições de Freud para a Educação**. In: Vera Maria Nigro de Souza Placco. (Org.). *Psicologia & Educação: revendo contribuições*. 1ed. São Paulo, SP: Educ., 2000.

NUNES, C.; SILVA, E. **A educação sexual da criança**: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. 2.ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

Organização Mundial da Saúde, 2015.

PANTONI, R. V.; PIOTTO, D. C.; VITÓRIA, T. Conversando sobre sexualidade. In: ROSETTI-FERREIRA, M. C. et al. **Os fazeres na educação infantil**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 71-75.

ROUDINESCO, E. **Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo**, 2014. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

ROUDINESCO, E; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**, 1997. Rio de Janeiro: Zahar.